

PAULA RITO

Licenciatura em Pintura e Mestrado em Teorias da Arte
pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de
Lisboa.

ALGUMAS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2015 - a matéria dos dias, Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz / 2014 - nulla dies sine linea, Museu Municipal de Bombarral – Palácio Gorjão / 2013 - terra grande, antigas Termas da Piedade, Alcobça / 2010 - penumbra, CCC, Paredes de Cor. Caldas da Rainha.; sonhar a terra, ermida de San Antonio, Tías. Lanzarote. Espanha / 2008 - ecos - ventos, Galeria Quattro, Leiria / 2005 - die de diem, Convento de S. Paulo da Serra de Ossa, Redondo. - o céu que nos trespassa, Galeria Arte Periférica, CCB, Lisboa / 2004 - re(a)presentar, Galeria Quattro, Leiria. - identidades, Fac. de Letras da Universidade de Lisboa. Cadernos de artista apresentados pelo Prof. Dr. Manuel Gusmão / 2002 - sombras e clareiras, Galeria Arte Periférica, CCB, Lisboa / 2001 - antes que a cinza dos olhos arda, Galeria Arte Periférica, CCB, Lisboa. - terra grande, Galeria Quattro, Leiria / 1999 - de um fogo lento, Galeria Arte Periférica, CCB, Lisboa. - Setembro, Galeria Quattro, Leiria / 1997 - o primeiro outono, Galeria Arte Periférica, Massamá / 1993 - o ouro guardado, Palácio Gorjão, Bombarral / 1991 - germinações, Galeria Novo Século, Lisboa. Exposição apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian / 1989 - territórios mínimos, Galeria de Arte Moderna da S.N.B.A., Lisboa.

ALGUMAS EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

2014 - Arte Hoje, S.N.B.A. Lisboa / 2014 - O bosque improvável, Museu da Bienal de Cerveira / 2000 a 2011 - FAC / ArteLisboa, FIL / Parque das Nações. Galeria Arte Periférica. Galeria Quattro / 2008 - 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas, IX Prémio Vespereira, Montijo / 2004 - Prémio Celpa- Vieira da Silva. Exposição de finalistas. Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa / 2002 a 2005 - ARCO '02 a ARCO '05, Madrid. Galeria Arte Periférica / 2002 - CasaLisboa, Quinta das águias, Lisboa. Galeria Quattro / 2002 - 100 anos, 100 artistas, S.N.B.A., Lisboa / 2001 - 2ª Bienal de Arte e Cultura, Jaboticabal, Brasil / 2000 - X Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira / 1997 - Obras sobre papel, S.N.B.A., Lisboa / 1997 - Prémio Vespereira, Montijo / 1993 - Dez Artistas Portugueses na Galiza, Aceimar, Mondariz, Espanha / 1993 - O Papel, S.N.B.A., Lisboa / 1993 - Prémio Nacional de Pintura Júlio Resende, Gondomar / 1990 - V Salão de Primavera, Galeria do Casino do Estoril / 1988 - "...o risco Inadiável", Exposição de homenagem ao Professor Lagoa Henriques, Escola Superior de Belas Artes de Lisboa / 1988 - Contemporary Portuguese Art, Jadite Galleries, New York, EUA / 1988 - 50º Aniversário Gabrielle D'Annunzio", Cidade de Pescara, Itália / 1986 - Audio Visual 86, Forum Picoas, Lisboa / 1986 - paisagens brancas, Academia de Artes de Ponta Delgada, Açores.

PRÉMIOS

1990 e 1991 - Menção Honrosa em Pintura na 3ª e 4ª Exposição Nacional de Pequeno Formato da Viragem, Cascais.

COLECÇÕES

Fidelidade Grupo Segurador; Instituto Português do Sangue; PLMJ - Sociedade de Advogados; Fundação Henrique Leote;
Câmara Municipal da Amadora; Faculdade de Belas Artes de Lisboa; Câmara Municipal de Barrancos; Museu Municipal de Bombarral.



Centro Cultural de Belém, Loja 3, 1449-003 Lisboa
Tel.: 213 617 100
ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt
Todos os dias das 10h às 20h

arteperiférica

GALERIA

PAULA RITO

NAS MARGENS

7 de Novembro a 3 de Dezembro de 2015



Imagem da capa: **nas margens - 1, 2015**, acrílico e colagem de papel sobre tela, 100 x 140 cm

anotações e aditamentos; nas margens

Não foi por acaso que escrevi o pequeno ensaio, «o traço como trilho do pensamento», sobre o sentido da Arcádia na obra de Cy Twombly. O autor aceitou o desafio do papel branco que sempre receei e permiti-me reflectir sobre questões transversais ao meu processo criativo, como a acumulação. Senti vontade de regressar às minhas “paisagens brancas” através de uma série de projectos e estudos inacabados à espera de fôlego para serem retomados em maior escala. Espalhados pelos cadernos surgiam pontualmente esboços e ideias que comecei a reunir, apercebendo-me de continuidades. Entre desenho e pintura, nos vestígios translúcidos das folhas de papel, a matéria pictórica em densidade indiciava paisagens e simultaneamente, conservando os sinais do seu fazer, abandonava-se ao espaço, sem referências de alto, baixo, em rotações e possíveis leituras, como se céu e terra mudassem de lugar.

A pintura corrói a representação.

(esboços para o céu, caderno 197, 2003)

Respeito desde muito cedo aquilo a que se chama a linha de água. O seu som agradável e pacificador muda nos dias agrestes de inverno quando feroz se intensifica e transborda, arrastando consigo as terras e a sua suposta serenidade.

(terra grande, caderno 210, Fevereiro de 2005)

Apenas em aparência se encontra na natureza desta ilha uma terra primordial. O que avistamos resultou da força maior de mudança no planeta em medição de forças com o ser humano. Se a paisagem pode pertencer a quem a observa e a interpreta, contemplar a paisagem implica responsabilidade perante ela. As suas carências afectam-nos, urgindo retribuição, de modo individual e colectivo.

(Rapa Nui, caderno 226, Agosto de 2006)

O vento norte sopra forte e de vez em quando uma chuva miúda cai. Passeio pela lava do vulcão Krafla sobre cores imprevisíveis. A terra ferve entre estranhas fendas, um pouco assustadoras; o fumo sai. A lava estende-se em diferentes formações e tonalidades.

Um outro mundo.

Percorri 4000 km para encontrar nesta terra ainda em criação as cores das minhas pinturas; acumulação e matéria; rachas, fumos, ventos, névoas, bolhas, explosões; transformações.

Como se tivesse intuído a paisagem, sonhado a terra.

(Iceland, caderno 239, Agosto de 2007)

Durante as “limpezas de primavera” encontrei esquecidos num armário os cadernos da série “terra” iniciados durante a licença sabática quando realizava o mestrado. A isto chamo “achado arqueológico do meu próprio trabalho”. Muitos anos depois, encontro nestes cadernos, texturas, velaturas e apontamentos de paisagens pinceladas desde 1987. As relações com uma natureza primeira, desarrumada e revoltada eram já o tema. Esta mesma natureza fui encontra-la na Islândia e andei durante meses a reflectir sobre estas supostas paisagens inventadas surgidas reais perante os olhos como se o caminho se tivesse invertido e a natureza ali se traçasse perante o meu estasiado/deslumbrado olhar. Obsessão, obsessão.

(terra grande, caderno 300, Maio de 2013)

As tonalidades verdes surgidas da névoa, o cheiro a húmus e a claridade ofuscante das pequenas clareiras assombram o olhar, apuram o ouvido; desaceleram o coração. Relevam-se substâncias visíveis, mas relaciona-mo-nos com a floresta de modo imaterial e sensorial.

(Parque Natural do Ôbo, caderno 319, Agosto de 2015)



nas margens - 11, 2013, acrílico e colagem de papel sobre tela, 24 x 34 cm



nas margens - 5, 2013, acrílico e colagem de papel sobre tela, 24 x 34 cm